A crise do nosso idioma

CMP 1.2.2. 166

Lais Rodrigues de Lima

Estamos vivendo uma época de degenerescência total da sociedade, dos seus usos e costumes etc., fenômeno que não poderia deixar de atingir também o sacrossanto idioma português. Observa-se atualmente no país, um triste abastardamento da língua de Camões, motivado, não sei se pela falta de diretrizes acertadas de nossas autoridades educacionais, ou se pela influência da crise moral generalizada que avassala todo o mundo. O fato é que nosso idioma está se deturpando sobremaneira, devido ao uso de palavras impróprias à lídima expressão da idéia, bem como, pela má articulação das verdadeiras, características do que em gramática se denomina barbarismo.

De há muito que os nossos jovens estudantes, futuros dirigentes, vêm perdendo o domínio da arte de falar e escrever bem a língua pátria. Sentenciava o extraordinário purista lusitano Latino Coelho: "O idioma de um povo é a mais eloqüente revelação de sua nacionalidade e de sua independência". Eis porque, falar e escrever bem, deve fazer parte do cabedal de todo patriota, pois patriotismo não é só saber cantar o hino nacional, cultivar a bandeira, torcer pelo Brasil na Copa do Mundo etc. Patriotismo é amar, considerar e respeitar tudo que é da pátria e nisto está incluído o amor e respeito ao idioma nacional.

Os nossos jovens devem se conscientizar de que o uso corrente da gíria, dos estrangeirismos e da pornografia, são crimes de lesa-pátria e lesa-razão, isto é, prejudicam a pátria e a razão, que é a faculdade espiritual própria do homem e pela qual ele chega à concepção das idéias universais.

O ato de falar e escrever bem é importantíssimo para qualquer pessoa, principalmente para os universitários, futuros mandatários da nação. Não é admissível que um acadêmico de Direito, por exemplo, encontre dificuldade para traduzir um pensamento ou um sentimento, não encontrando palavras que se ajustem adequadamente a esses estados, devido à carência de um lauto vocabulário. No meu tempo de Faculdade, quando cursava o primeiro ano do Curso de Bacharelado, o cultô prof. dr. Milton Segurado, então titular da cadeira de Introdução à Ciência do Direito, nas primeiras provas do ano, Dra diversas notas 0 (zero) aos meus colegas de classe, fato que na época me deixou realmente intrigado, pois não podia aceitar a idéia de que esses colegas tivessem entregue suas provas completamente em branco e assim pudessem merecer tais notas.

Algum tempo depois, tive oportunidade de encontrar-me com o referido professor no corredor da Faculdade, e, longe dos colegas, aproveitei o ensejo para perguntar-lhe o motivo pelo qual dera tantos zeros, perguntando-lhe também se naquelas provas não havia alguma coisa certa e que as fizessem merecer notas melhores, pelo menos nota 1 ou 2. Respondeu-me então o prof. Milton, que realmente algumas provas possuíam algo de correto, no que concerne à Ciência do Direito, mas que os erros de Português cometidos pelos donos dessas provas eram tão crassos, tão indignos de um acadêmico de Direito, que não tivera outro impulso senão dar zero. E exemplificou, dizendo

que determinado aluno escrevera na prova a palavra exceção com 4 (quatro) ss; um outro escrevera casa com z, e citou outros incriveis exemplos que neste momento não me afloram à memória, dizendo, inclusive, que algumas dessas provas eram ininteligíveis. Diante de tais barbaridades relatadas pelo prof. Milton, concordei plenamente com ele, pois eu também, se fosse professor, teria feito a mesma coisa.

É notória a falta de conhecimento da língua pátria e sua gramática, por parte de nossos estudantes universitários. A culpa talvez resida na inépcia de nossos atuais professores de Português, que, salvo honrosas exceções, não dão redação aos seus alunos nem os incentivam à boa leitura. Desse jeito, não vai demorar muito e teremos no Brasil, centenas de médicos, dentistas, engenheiros, professores, advogados etc., semi-analfabetos. Aliás, já temos.

Segundo os mestres da língua, não são necessárias mais do que três mil palavras, para que possamos viver normalmente em sociedade, a não ser que nos dediquemos a um trabalho, estudo ou arte, em que sejamos obrigados a usar termos técnicos ou eruditos. Entretanto, somente para nos comunicarmos utilizamos cerca de mil e quinhentas palavras. Referindo-se a esse escasso número de palavras, quando não impróprias, abstrusas e inexpressivas, que geralmente empregamos em nossa comunicação, disse o famoso filósofo Bertrand Russel: "Não apenas é importante saber pronúncia, como é também desejável, esteticamente, possuir grande vocabulário. Aqueles que só conhecem mil e quinhentas palavras, não conseguem exprimir-se nem com precisão nem com beleza, exceto nos assuntos mais simples e pelo mais raro acaso".

Neste momento, a mim mesmo eu pergunto. Quantas palavras utilizam nossos jovens estudantes para se comunicarem? Respondo que não tenho a mínima idéia do número exato ou aproximado, mas de uma coisa estou convicto: são muito poucas. Isto afirmo em virtude do seu linguajar, que é quase totalmente na base da gíria e de expressões grotescas. Alguns exemplos desse linguajar: "legal cara; estou numa boa; descolei uma nota da coroa; está de touca bicho". Como vemos, são expressões próprias de uma era, e que refletem bem a limitação do vocabulário e da capacidade de pensar dos nossos jovens. Infelizmente o jovem de hoje não está sabendo mais pensar e se levamos em conta que a grande maioria do povo brasileiro é constituída de jovens, já podemos prever a capacidade intelectual dos adultos, no porvir.

Mas, nem tudo está perdido. Como toda regra tem exceção, esta também tem a sua, pois existe no Brasil uma elite de jovens patriotas, de valores intelectuais extraordinários, conscientes de suas responsabilidades para com Deus, Pátria e Família. Esses jovens constituem nossa reserva moral, intelectual e espiritual, e trabalham conscientemente para o dealbar de uma nova esplendorosa civilização no nosso querido Brasil. A eles, portanto, o meu preito de admiração, consideração e profundo respeito.

Diário do Povo - 3-XII-1981